

Rede social: potencialidades do *Facebook* para a educação presencial da Licenciatura em Pedagogia

Alenice Ferreira Cruz¹
Elisângela Soares Ribeiro²
Irani Parolin Santana³
Claudinei de Camargo Sant'Ana⁴

Resumo

Neste artigo apresentamos o resultado da pesquisa desenvolvida sobre a utilização de recursos digitais na disciplina “Conteúdo e Metodologia do Ensino Fundamental de Matemática”, na turma da Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Avaliamos a utilização do *Facebook* como ambiente virtual na educação, adaptado para a educação formal presencial da licenciatura. Os resultados indicam que esta rede social pode ser utilizada com vantagens em relação a outros ambientes existentes.

Palavras-chave: Redes Sociais. *Facebook*. Educação.

1 Introdução

Ações com o propósito de fomentar a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na educação no Brasil existem há algum tempo. No ano de 2005, por exemplo, nascia uma dessas ações com o projeto governamental “Um Computador por Aluno” (UCA)⁵. Segundo Hoffmann, Fagundes (2008, p. 3), “A quantidade de computadores com acesso a Internet instalados nas escolas públicas brasileiras é crescente. As escolas abrem janelas para a comunicação com o mundo”. Porém, as possibilidades de utilização de recursos da Internet para a educação antecedem significativamente tais ações, e não eram atitudes governamentais ou organizadas para esse fim; já existiam recursos de comunicação *on-line* que poderiam ser utilizados com propósito educacional, tais como o Internet Relay Protocol, 1988 (IRC)⁶ e o I Seek You,

¹ Alenice Ferreira Cruz, Especialista em Química, Professora do Instituto Federal de Educação, Ciências e Educação da Bahia. Contato: cruzaleni@yahoo.com.br

² Elisângela Soares Ribeiro, Pedagoga, Especialista em Metodologia do Ensino Superior e Integrante do GEEM- Grupo de Estudos em Educação Matemática (UESB). Contato: elysangelaribeiro@gmail.com

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Anhanguera de São Paulo. Contato: irani@ccsantana.com (Bolsista da CAPES)

⁴ Coordenador do Grupo de Estudos e Educação Matemática (GEEM) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Professor PPGECM, PPGED e PROFMAT. Contato: claudinei@ccsantana.com

⁵ www.uca.gov.br/ visitado em 10/12/2013.

⁶ <http://daniel.haxx.se/archistory.html> e <http://tools.ietf.org/html/rfc1459>, visitados em 10/12/2013.

1996 (ICQ)⁷, (PEREIRA, MATTE, 2010). Obviamente se tratava de um período em que o acesso à Internet não estava difundido, não existia conexão com a WEB em equipamentos móveis, como as existentes hoje.

Posteriormente, com as mudanças tecnológicas na produção de equipamentos, que possibilitou maior capacidade e eficiência na transmissão de informação com a Web 2.0, assistimos então ao surgimento de diversos aplicativos que se valem de tais características ou, de outra forma, que são eficientes em gerar, reproduzir e transmitir imagens, vídeos, muitas vezes em tempo real.

Obviamente,

O conteúdo da Web 2.0 depende das pessoas que estão conectadas a ela, sendo alimentado dos textos, fotos e vídeos que são publicados pelos próprios usuários. Além do incentivo à colaboração, através da facilidade para publicar conteúdos, as aplicações podem tirar partido de seus usuários, aproveitando-se de informações sobre as escolhas realizadas por eles. (BOMFIM, 2009, p. 29)

Ao caracterizar a Web 2.0, do ponto de vista social, no qual existe uma série de aplicações, destacam-se a interatividade e a colaboração, em que o usuário é um produtor de conteúdo; também a “sua incorporação nos ambientes de aprendizagem possibilita a adoção de práticas pedagógicas que visam o aumento da colaboração e da participação dos alunos” (BOMFIM, 2009, p. 29). Do ponto de vista tecnológico, a Web 2.0 apresenta funcionalidades que podem ser incorporadas à educação. De acordo com esse mesmo autor, “... permite a definição de um ambiente de aprendizagem componível onde o professor e o aluno não ficam restritos a um conjunto de funcionalidades preexistentes, sendo possível acrescentar novas aplicações a partir de serviços disponíveis na Internet” (BOMFIM, 2009, p.29).

As possibilidades de transmissão de dados em alta velocidade proporcionaram maior grau de interatividade e colaboração na utilização da Internet. Evidentemente, esperamos a adequação desses recursos e que sejam incorporados ao Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), que já são utilizados com fins educacionais.

Conforme Brito,

⁷ <http://www.icq.com/> visitado em 10/12/2013.

Essas ferramentas têm sido incorporadas às atividades educacionais, com o objetivo de criar novas possibilidades de ensino ao professor e melhorar a aprendizagem do aluno. Além disso, a informática pode ser utilizada como uma ferramenta que desperta o interesse em aprender no aluno, possibilitando novas condições de aprendizagem. (BRITO et al., 2013, p. 2)

Existem diversas possibilidades de utilização ou inclusão dos AVA juntamente com software educativo, desde a apresentação de informações à possibilidade de que o próprio discente possa criar ações no ambiente, que, via de regra, visam a valorização da aprendizagem. Tais ações podem ser utilizadas para desenvolvimento de práticas no ensino presencial e à distância, sendo este o principal motivador da utilização das TIC na educação (BRITO et al., 2013, p. 2).

De certo, para que isso aconteça satisfatoriamente,

É preciso que as ferramentas tecnológicas possam oferecer um conjunto de funcionalidades que auxiliam o educador e o educando a promover as interações por meio desse ambiente. Além dessa interação tem-se discutido de que maneira os processos de ensino-aprendizagem ocorrem nesses ambientes e quais são os tipos de aprendizagem e os canais utilizados em ambientes de aprendizagem que facilitem o ensino e a aprendizagem dos usuários. (BRITO, et al, 2013, p. 3)

As características encontradas na Web 2.0 propiciaram o surgimento das redes sociais e, principalmente a que nos interessa particularmente, o *Facebook*. Criado no ambiente acadêmico por estudantes da Universidade de Harvard e lançado em 2004. Atualmente, para ingressar nesta rede, é necessário ter, no mínimo, treze anos de idade e fazer um cadastro para ter conta e perfil na página mural. Entre as ações, pode-se visitar a página de outras pessoas e ver as publicações disponibilizadas de forma pública. Existem neste espaço virtual recursos que permitem a socialização de textos, imagens, vídeos, links. E ainda há possibilidade de existir a comunicação síncrona e assíncrona de forma privada ou pública.⁸

Em nossa prática pedagógica, já utilizamos espaços virtuais no ensino, tais como o *Moodle*⁹. Ao longo de duas décadas de trabalho, constatamos a viabilidade e possibilidades de utilização de ambientes virtuais como recurso adaptado à educação formal presencial da licenciatura. Entretanto, nesse percurso, inclusive como estudante, observamos também que, em razão das exigências de acesso e navegabilidade, a maioria

⁸<https://www.facebook.com/FaceBrasilOficial/info>

⁹<http://moodle.com/>

dos ambientes virtuais demanda que uma parte significativa do tempo do curso seja utilizado para adequação e aprendizagem das particularidades do ambiente.

Certamente que o *Facebook* não apresenta esta restrição, a exemplo disso, na experiência que estamos apresentando, apenas duas pessoas ainda não tinham conta, ou seja, na prática não tivemos problemas comprometedores com a sua utilização. O *Facebook* pode auxiliar na comunicação e interlocução entre docentes e discentes, já que é utilizado amplamente pelos dois segmentos.

Infelizmente a tecnologia da Web 2.0 e “... sua aplicação no contexto da educação é muito recente e praticamente desconhecida nas escolas de educação básica, e mesmo no ensino superior. Ainda que imersos nessa nova tecnologia, raramente paramos para depreender seus efeitos” (PEREIRA, MATTE, 2010). Vivemos um momento de expectativa de que as TIC sejam utilizadas maciçamente na educação, existem experiências que apontam bons resultados na sua utilização na formação de professores, como os trabalhos de Sant’Ana, Amaral e Borba (2012) e Vanini et al. (2013), mas ainda assim, não é comum a presença das TIC nas salas de aula.

2 Metodologia e cenário da pesquisa

Levando em consideração a disseminação do *Facebook*, optamos pela sua utilização no desenvolvimento da disciplina “Conteúdo e Metodologia do Ensino Fundamental de Matemática” em uma turma da Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Essa disciplina estava sendo oferecida a trinta discentes do VII semestre de 2014, no turno matutino. Para tanto, criamos um grupo secreto¹⁰ com a participação somente dos discentes e do docente regente da disciplina.

Iniciamos os trabalhos com uma apresentação aos universitários da proposta de trabalho, em especial a intenção de utilizar a rede social *Facebook*, como espaço adicional para disponibilização de orientações, textos, artigos, comentários, avisos e discussão *on-line* e *off-line*. Enfim, uma espécie de “portfólio interativo”¹¹ da turma,

¹⁰ O sistema do Facebook permite que existam comunidades que não aparecem nos diretórios de busca e exigem a autorização para a entrada de novos membros, sendo que as informações e publicações deste tipo de grupo não ficam acessíveis à pessoas que não façam parte desta comunidade.

¹¹ Entendemos assim, pois teve o propósito de organizar uma coleção das atividades desenvolvidas individualmente coletivamente.

compondo também, um dos instrumentos de avaliação das atividades presenciais, que também tinham desdobramentos no virtual.

Após a exposição dos objetivos e aceitação por parte dos discentes, o grupo secreto para esta turma foi criado, ficando sob a responsabilidade do professor regente, administrar e incluir os membros e toda a configuração de atividades, chat etc., enfim tudo que fosse necessário para o funcionamento e adequação das propostas pedagógicas.

Com a intenção de nortear, melhorar e esclarecer a execução das tarefas virtuais da disciplina realizamos duas aulas no laboratório de informática, que também serviram para abertura da conta individual no *Google Drive*¹² e *Facebook* e acesso ao grupo criado, onde também haviam instruções de como localizar arquivos, eventos, realizar postagens e comentários e baixar arquivos. No ambiente foi publicado ainda um aviso de que os comentários e publicações deveriam ser postados no local específico de cada evento relacionado com as aulas, para que o ambiente virtual ficasse organizado, facilitando o encontro das informações e o acompanhamento das discussões e atividades.

Vejam os depoimentos de uma aluna:

As aulas no laboratório de informática foram bastante interessantes. Proporcionaram um olhar sobre a informática como mais uma ferramenta que muito contribui para o trabalho do professor e, conseqüentemente, com o aprendizado do aluno (DISCENTE A, 29/07/2014).

Para auxiliar os usuários, foi postado um pequeno manual instrutivo de acesso ao *Facebook*, indicando onde localizar os recursos da página para a comunicação e intercâmbio de informações.

A postura adotada no desenvolvimento da disciplina proporcionou uma visão positiva da utilização das TIC, conforme pudemos observar na declaração anterior, conseguindo compreender que “... se faz necessário explorar novos espaços de aprendizagem além dos muros da escola, e ainda descobrir recursos que mobilizem o aprender a aprender dos estudantes, nestes diversos espaços de aprendizagem” (DE BONA; FAGUNDES; BASSO, 2012).

A pesquisa foi de cunho qualitativo (LINCOLN, GUBA, 1995), cuja coleta de dados foi realizada por intermédio das ações desenvolvidas na disciplina e nos registros

¹² <http://www.drive.google.com>

gerados no grupo secreto do *Facebook*. Tais registros possibilitaram a coleta de dados e análise da relação entre docente e discente, discente e discente no espaço virtual criado para a realização das atividades da disciplina. Para preservar a identidade dos interlocutores, utilizamos pseudônimos, retirando os nomes dos autores nos recortes dos diálogos do ambiente virtual.

3 Desenvolvimento

O aprimoramento tecnológico está possibilitando o aparecimento de recursos com boas possibilidades de comunicação, interação, mas que ainda não são utilizados nos meios educacionais. Podemos conjecturar que é possível a utilização de *Blog*, *Twitter*, *Facebook* nas atividades educacionais, quiçá, mudando o paradigma da comunicação unilateral de docente para discente.

Em consequência dos avanços tecnológicos dos últimos anos, impulsionados pela disseminação dos computadores pessoais e pela popularização do uso da Internet, a utilização do AVA como ferramenta de apoio ao trabalho pedagógico constitui-se em uma prática cada vez mais frequente, principalmente na Educação à Distância.

Entendemos que a incorporação da tecnologia em sala de aula demanda a utilização de práticas inovadoras, com uma nova configuração, diferentes daquelas da aula estritamente presencial.

Obviamente:

... vale observarmos o fato de que lançar mão do uso de tecnologia informática não significa necessariamente abandonar as outras tecnologias. É preciso avaliar o que queremos enfatizar e qual a mídia mais adequada para atender o nosso propósito (BORBA, PENTEADO, 2010, p. 64).

Retomando, é interessante lembrar que o *Facebook* foi desenvolvido em um ambiente acadêmico, com o propósito de comunicação entre universitários. Embora ele tenha saído da academia para a sociedade, depois de dez anos, ainda não existe número significativo de experiências da sua utilização nos diversos contextos educacionais. Este fato pode ser justificado por ser considerado predominantemente um espaço de bate-papo, cumprindo somente a função de entretenimento, isso pode ser facilmente observado pela ampla utilização na sociedade, sem o perfil educacional.

Dessa maneira, devemos estar atentos, pois as mudanças não esperam, estão acontecendo a todo o momento e silenciosamente via tecnologia, ou ainda, elas estão ocorrendo em toda parte, externa e internamente a nós, e também na forma de representarmos e entendermos o mundo (LÉVY, 2001). Assim, devemos também buscar e identificar novas oportunidades para a educação.

Acreditamos que as redes sociais podem compor um modelo que favoreça a aprendizagem formal e informal de maneira continuada, constituindo-se em um Ambiente Pessoal de Aprendizagem (APA), composto por funcionalidades e recursos que o usuário pode agregar e onde o estudante desempenha papel ativo em sua aprendizagem (BOMFIM, 2009).

Atualmente existem algumas pesquisas que também atestam esta possibilidade, como os trabalhos de De Bona, Fagundes e Basso (2012), que utilizam o *Facebook* em uma experiência do ensino médio; Ferreira, Machado e Romanowski (2013), que fazem a utilização em uma disciplina da pós-graduação; e sobre o que pensam acerca da utilização do *Facebook* na educação, temos Canabarro e Basso (2013).

4 *Facebook* na Licenciatura em Pedagogia

Ao analisarmos a participação do grupo, observamos que inicialmente os discentes apenas visualizavam as postagens e atividades, mas mantinham-se um tanto tímidos quanto a fazerem a própria postagem e tecerem comentários a respeito de outras. Aqueles que participavam escreviam comentários evasivos, como “gostei da aula”, “muito interessante”, ou expressavam dúvidas, como “estou perdida”, “onde encontro o texto?”. Poucos deixavam comentários fundamentados nas leituras disponibilizadas ou a respeito das atividades desenvolvidas em sala de aula. Contudo, com a evolução das atividades da disciplina, aos poucos começaram a escrever, comentar ou participar dos debates, inclusive a respeito das discussões sobre os artigos.

Após a terceira aula, assumimos a postura de incentivar o registro de ideias e opiniões relacionadas com as publicações semanais e com as atividades realizadas em cada aula. Assim, observamos um aumento significativo no envolvimento dos discentes nas discussões promovidas no *Facebook*; estávamos criando possibilidades para construção e produção do conhecimento, ou seja, ensinando (FREIRE, 1996, p. 12).

No desenvolvimento das ações, adotamos a postura de utilização efetiva do ambiente virtual, conseqüentemente, muito influenciou na realização da disciplina, tornando a construção do conhecimento inter-relacionado com aspectos interativo-motivacionais e hipertextuais-discursivos, que passaram a constituir o aprendizado dos discentes (BAIRRAL, 2007).

A utilização das TIC na prática pedagógica para desenvolvimento da disciplina “Conteúdo e Metodologia do Ensino Fundamental de Matemática” do curso de Licenciatura em Pedagogia, da turma do VII semestre, objetivou a criação de espaços síncronos e assíncronos que potencializassem a construção do conhecimento. A proposta gerou comentários diversos, como este de uma discente:

A criação desse grupo possibilita o professor trabalhar juntamente com seus alunos a “Educação Matemática com o recurso da informática”. Mas vale ressaltar que esse recurso pode causar alguns probleminhas para aqueles que não têm acesso à Internet. Mas é uma ótima ideia já que vivemos em um século onde a tecnologia tomou conta do mundo (DISCENTE J, 05/06/2014).

Obviamente que as expectativas foram de diversos matizes, o que é fruto desse processo de utilização das TIC que desenvolvemos, pois todos os envolvidos “...vivenciam situações críticas que afetam e tensionam os processos de aprendizagem, interferindo nas práticas educacionais” (SARAIVA, et al, 2006). Como exemplo dessa assertiva, observemos a fala de uma discente: “Pra falar a verdade, de início eu não simpatizei muito com a criação do grupo não, pois tive dificuldades para realizar as atividades, mas, com o passar do tempo e com a ajuda de uma das colegas, eu fui pegando jeito” (DISCENTE H, 05/06/2014).

Na condução dos trabalhos começamos com a criação de um documento individual para todos os discentes no *Google Drive*. Esta ação constava da proposta original da disciplina e funcionaria como um “diário de curso”, com o propósito de fomentar a reflexão e também servir de local para registro das atividades. Porém, foi um espaço que não chegou a ter efeito significativo em termos de aceitação da turma, por isso logo no início do desenvolvimento das atividades, houve a solicitação dos discentes para suspender a utilização do diário, com o argumento de que demandava a utilização de um tempo precioso que diziam não possuir. Talvez a proposta tenha causado a insegurança na realização de ações que não eram muito bem conhecidas.

A experiência que os discentes vivenciaram, faltando somente um semestre para o final do curso, deixa indícios de que a utilização das TIC nessa graduação não é uma prática difundida, apesar de constar na matriz curricular uma disciplina optativa no primeiro semestre, intitulada “Informática na Educação”, com carga horária de 60 horas¹³, cuja ementa é a seguinte:

Noções básicas de Ciência da Computação. Educação e tecnologias. Informática na educação: concepção, histórico, informática na educação brasileira, etapas para a implantação ou reformulação de informática no ambiente educacional. Gestão educacional com tecnologias. Softwares aplicados à Educação.¹⁴

Ao apresentarmos a proposta de utilização da tecnologia, os discentes disseram que se constituía em uma primeira experiência para a maioria, conforme podemos observar nesta afirmação: “Bom, quando soube que nossa aula envolvia o uso do computador, fiquei muito preocupada, tive dificuldades, mas enfrentei como mais um desafio para a minha formação e não é que depois eu me saí bem?” (DISCENTE L, 06/06/2014).

Em outra declaração, observamos a mesma preocupação:

Logo no começo da criação do grupo, eu confesso que tive dificuldades em responder às atividades enviadas pelo professor, primeiro porque elas eram enviadas muito rápido, e eu não estava conseguindo dar conta e, também, pelo fato de não ter Internet em casa. Agora eu estou mais tranquila porque estou conseguindo responder. (DISCENTE O, 06/06/2014)

De certo aconteceram problemas, conforme depoimentos citados anteriormente neste texto, como a dificuldade em executar as tarefas, por não ter acesso à Internet em casa, apesar de existir a possibilidade de fazer o uso na UESB. Pensamos que esse problema poderia ter sido evitado se tivéssemos reservado em todas as aulas algum tempo para essa finalidade.

Observamos, pelas declarações apresentadas, que existiu uma preocupação inicial com a presença das TIC que não era esperada das TIC, mas tal preocupação tendeu a reduzir ou desaparecer com o desenvolvimento da disciplina, deixando

¹³ Fluxograma do curso e Licenciatura em Pedagogia: <http://www.uesb.br/pedagogia/curso/Fluxograma%20-%20curso%20de%20Pedagogia.pdf>, visitado em 20/12/2014.

¹⁴ <http://www.uesb.br/catalogo/egd.asp?letra=A&cod=1>, visitado em 12/10/2013.

inclusive a impressão de que os dispositivos virtuais, quando utilizados na modalidade de educação presencial, podem se tornar uma ótima ferramenta para o ensino, mas é necessário que estejam inseridas e articuladas no planejamento e nas ações de ensino das disciplinas curriculares. Assim, tais ambientes podem alterar o espaço tradicional da escola (BAIRRAL, 2007).

Nesse contexto, observamos que foi possível estender o tempo de atendimento aos alunos, aumentar a interatividade dos interlocutores no processo de ensino aprendizagem, sendo possível também estabelecer um diálogo virtual (síncrono ou assíncrono) para manifestação das dúvidas e dificuldades em relação às atividades. Isso possibilitou que o professor regente orientasse os discentes de forma coletiva ou individual. Essa nova situação proporcionada pelas TIC cria:

Um mundo desterritorializado, onde não existem barreiras de tempo e de espaço para que as pessoas se comuniquem. Uma nova era que oferece múltiplas possibilidades de aprender, em que o espaço físico da escola, tão proeminente em outras décadas, neste novo paradigma, deixa de ser o local exclusivo para a construção do conhecimento e preparação do cidadão para a vida activa. (COUTINHO, LISBÔA, 2011, p. 5)

Neste novo cenário, foi possível com o uso do *Facebook* como ambiente virtual para o ensino, a expansão do tempo destinado à disciplina. Identificamos que houve aumento considerável na carga horária de trabalho efetivo da mesma, o que favoreceu a construção do conhecimento, pela continuidade das atividades e discussões que se estenderam posteriormente ao horário presencial. Porém, cabe ressaltar que este acréscimo ainda não é formalizado pela instituição nem computado na carga horária.

Acreditamos que para uso pedagógico do *Facebook*, é necessário que haja a colaboração e participação efetiva dos envolvidos e, principalmente, a disposição do docente em adequar o ambiente para ser empregado como instrumento na estratégia de ensino formal. É importante observar a viabilidade de sua utilização nas escolas, onde são demandados cuidados específicos, e onde o professor enfrenta novos desafios:

... o que se lhe pede é que seja capaz de desenvolver nos estudantes competências para participar e interagir num mundo global, altamente competitivo que valoriza o ser-se flexível, criativo, capaz de encontrar soluções inovadoras para os problemas de amanhã, ou seja, a capacidade de compreendermos que a aprendizagem não é um processo estático, mas algo que deve acontecer ao longo de toda a vida. (COUTINHO, LISBÔA, 2011, p. 5).

Levando em consideração as possibilidades de modulação de comportamentos que a Web 2.0 pode motivar (BOMFIM, 2009), observamos que os discentes assim procederam no que se refere a socializar posturas no transcurso digital das ações e na colaboração com o desenvolvimento dos colegas, conforme relata a Discente N:

Agradeço às colegas que tiveram paciência de me ajudar. Só não gosto de sempre estar no face, me dá uma sensação de que não tenho o que fazer! Não dá pra ficar explicando que estou fazendo trabalho sério, porque não conota coisa séria! Mas, estamos conseguindo. (DISCENTE N, 06/06/2014).

O comentário postado anteriormente denota a preocupação, por parte do discente, em justificar, para os que o cercam, de que estava realizando um trabalho sério na Internet, especificamente no *Facebook*. Isso retrata e reforça a ideia de muitos de que o *Facebook* é um espaço somente de lazer e bate-papo. Para Bairral (2007, p. 9), “Frequentemente temos visto que professores não veem potencial na rede. De forma simplória contra-argumentam: ‘agora ficou mais fácil, o aluno seleciona, copia, corta e cola’”.

Alguns problemas foram detectados quanto ao uso do *Facebook*, que dizem respeito a não ter acesso, por não ter Internet em casa ou não ter habilidade em explorar os recursos do ambiente, tais como encontrar os arquivos e o local onde postar os comentários para cada material de estudo específico de cada uma das aulas.

Apresentamos a seguir o comentário do Discente C no que se refere ao desenvolvimento da disciplina:

Tive bastante dificuldade para poder comentar as aulas e textos, pois não costumo estar frequentemente na net. Ainda tenho dificuldade quanto à Internet que tenho em casa e no trabalho, que, de repente, desaparece e fica dias... Mas ao fazer agora minhas postagens, percebi que não foi tão difícil assim. Acho que é somente falta de hábito e correria. (DISCENTE C, 08/06/2014).

Observamos que o *Facebook* em muito contribuiu na interação dos integrantes da turma, favorecendo a colaboração e cooperação nas atividades virtuais, bem como nos comentários e discussões das atividades postadas e realizadas presencialmente na sala de aula, confirmando as palavras de Lévy (2001, p. 13) de que “[...] os

interlocutores fazem intervir o contexto para interpretar as mensagens que lhes são dirigidas”.

Durante a realização da pesquisa, constatamos que não ocorreu hostilidade na sala de aula ou no ambiente virtual entre os envolvidos na aprendizagem. As críticas publicadas sempre tiveram um caráter proativo, incentivando ou elogiando as apresentações dos seminários e a participação na execução das tarefas, não se referindo a aspectos de ordem pessoal dos envolvidos.

Também não foram registrados questionamentos para aqueles que tivessem deixado de participar das atividades no ambiente virtual. Procuramos orientar a quem, por ventura, tenha manifestado dificuldade com as atividades disponibilizando slides, roteiros de oficinas e materiais didáticos produzidos nas tarefas presenciais.

Entendemos que o *Facebook* mostrou-se com grande potencial no que se refere à sua utilização como AVA. Mas este potencial depende em muito da atuação do professor, o qual deve assumir as ações necessárias à articulação, incentivo e condução das atividades. Em todos os ambientes virtuais que já utilizamos outras oportunidades, sempre existiu a necessidade de fomentar o interesse de participação dos discentes e adequar ao tipo de disciplina a ser desenvolvida, presencial, semipresencial ou à distância. No *Facebook* notamos um fator agregador que é o de alocar, em um mesmo local, recursos que facilitam a interação e disponibilizá-los para que possam ser utilizados. É possível ainda disponibilizar arquivos (de imagem, som) e documentos (em formato PDF, TXT, PPT ou DOC), ambos de seu computador ou de armazenamento nas nuvens como Dropbox¹⁵. Podemos observar este fato na declaração da discente a respeito da produção dos trabalhos junto à disciplina, lembrando que a maioria das atividades foi entregue virtualmente, o que também promoveu a presença e interação virtual:

... especialmente foi muito produtiva! A participação da turma tem aumentado, e o professor tem conseguido dialogar com todos da turma. Foi gratificante ver a satisfação de cada um ao apresentar seu exercício, um exercício que de individual passou a ser coletivo com uma construção rica em conteúdos e muitas sugestões e prática pedagógica. Foi um momento único de troca de experiências e construção de novos conhecimentos. Fiquei feliz por termos, juntos, otimizado o nosso tempo e aprofundado em importantes conceitos matemáticos. (DISCENTE P, 08/06/2014)

¹⁵ www.dropbox.com

No que se refere ao desenvolvimento geral, ao responder ao questionário no final do curso, a maioria dos discentes declarou que a disciplina atingiu os objetivos. E, ainda que “o interessante das aulas é que estamos acabando com alguns tabus que adquirimos em nossa época escolar, bom para não causar impressões negativas em nossa maneira de ensinar às crianças” (DISCENTE T, 05/06/2014). Um dos fatores interessantes do desenvolvimento das atividades foi “A integração entre tecnologia e educação, através da utilização de ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), [que] permite outras formas de interagir, ampliando o acesso à educação...” (SOARES, GIROTTO, CARNEIRO, 2009, s/p), ideia essa também compartilhada por Ferreira, Machado e Romanowski (2013).

Cabe ressaltar que a disciplina “Conteúdo e Metodologia do Ensino Fundamental de Matemática” é integrante do currículo do curso de Licenciatura em Pedagogia, neste curso comumente encontramos declarações de discentes que não gostam de Matemática, apesar de estarem estudando para ser professor da disciplina na educação básica:

... mesmo não gostando da Matemática, pra mim as aulas estão muito prazerosas e, o mais importante, estamos tirando a “velha” característica de que matemática é difícil. Claro que todos temos dificuldades, mas creio que possamos tentar e vencer essas barreiras aos poucos. (DISCENTE, 04/06/2014)

Esta é uma declaração extremamente significativa, pois as representações ideológicas externalizadas “... circulam em torno de coisas fixas: instituições, símbolos e arquétipos. Interpretam a vivência e a prática; intervêm nelas, sem, por isso, conhecê-las nem dominá-las. Formam parte delas e somente são distinguidas na análise” (GODOY, 2010, p. 309). E são representativas no que se refere à dificuldade em desenvolver a disciplina em um curso onde a matemática não é a preferência dos discentes, talvez por estar sempre associada ao desenvolvimento propedêutico, mas que é prevista na formação do pedagogo: “Os profissionais formados pelo curso deverão ter o domínio dos conteúdos básicos, fundamentos da educação e das metodologias de sua transmissão...”¹⁶.

¹⁶ http://www.uesb.br/catalogo/chu_info.asp?cod=37, visitado em 12/10/2013.

Outro fator interessante é que, ao analisar o horário em que foram postados os arquivos para estudo, por parte do docente responsável, atentamos para o fato de que houve prolongamento no acompanhamento e atendimento à turma, não ficando limitado às horas previstas na ementa da disciplina. Vale ressaltar que este é um modelo pedagógico que favorece o acontecimento da aula de uma maneira diferente, ou mesmo estendida e “... que demandam por novas habilidades na interação e no diálogo entre professor e aluno” (MÜLBERT, et al., 2011, s/p).

Ainda sobre os resultados esperados com o desenvolvimento da disciplina, vejamos este depoimento: “As aulas de matemática têm sido muito boas, temos aproveitado muito, tanto para aprender, como para, futuramente, ensinar” (DISCENTE S, 08/06/2014). Esta preocupação com o futuro profissional também é um dos tópicos reiteradamente apresentados, ressaltando a importância das ações para o futuro profissional:

As atividades propostas em sala estão nos ajudando no sentido de entendermos mais o conteúdo e nos fazer perceber que somos capazes de produzir, pensar em problemas e resoluções. A dinâmica das aulas está dando certo, a turma realmente tem se soltado mais e a comunicação bem melhor. (DISCENTE Q, 08/06/2014).

No que diz respeito à utilização dos recursos tecnológicos na educação, acreditamos que “Esse novo contexto tecnológico torna possível não só o uso de múltiplos recursos, em grande parte livres, como a colaboração na própria criação, modificação e redistribuição das ferramentas” (PEREIRA, MATTE, 2010).

5 Considerações finais

Entendemos ser necessário o desenvolvimento de pesquisas relacionadas à utilização das redes sociais no ensino dos diversos componentes curriculares, para que possam ser aproveitadas as possibilidades pedagógicas que as TIC podem oferecer. Dentre essas redes sociais destacamos o *Facebook*, com notória popularidade na sociedade, principalmente entre os estudantes e que não possuem a conotação de pedagógicos, conforme relata a discente “Antes eu via o face como um meio de lazer, agora o vejo como um trabalho...” (DISCENTE E, 06/06/2014).

Os debates *off-line*, inclusive a reflexão crítica sobre as atividades realizadas em sala de aula e os trabalhos disponibilizados na rede social, contaram com a frequência constante dos discentes que cursavam a disciplina.

A maior quantidade de anotações realizadas pelos integrantes no grupo aconteceu entre 19h00min e 00h:30min, isto indica que o horário disponível para estudo individualizado, nessa turma, foi preferencialmente no período da noite. Cabe ressaltar que a disciplina foi desenvolvida no período matutino. Enfim, esta constatação corrobora o fato de que a construção do conhecimento, relacionado aos conteúdos específicos desta disciplina, extrapolou os limites da sala de aula, ação impulsionada pela facilidade que as TIC têm em propiciar esta presença virtual de toda a turma fora dos limites físicos da sala de aula.

Compartilhamos o posicionamento de Maltempi (2008) de que as TIC não são a panacéia da educação, mas acreditamos ser muitíssimo importante a sua utilização nos diversos níveis de ensino.

Social network: Facebook potential for actual education of Pedagogy

Abstract

In this article we present a research developed with focus on the use of digital resources in a discipline in the class of Pedagogy at the Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), specifically in the discipline related to the teaching of mathematics entitled “Conteúdo e Metodologia do Ensino Fundamental de Matemática”. We evaluate this use of Facebook as a virtual environment in education, resource adapted to formal classroom education degree. The results indicate that this social network can be used with advantages over other existing environments.

Keywords: Social Networks, Facebook, Education.

Red social: Facebook potencial para la educación real de Pedagogía

Resumen

En este artículo se presenta una investigación desarrollada con especial atención en el uso de los recursos digitales en una disciplina en la clase de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), específicamente en la disciplina relacionada con la enseñanza de las matemáticas “Conteúdo e Metodologia do Ensino Fundamental de Matemática”. Evaluamos este uso de Facebook como un entorno virtual en la educación, los recursos adaptado a título de educación formal en un aula. Los resultados indican que esta red social se puede utilizar con ventajas sobre otros entornos

existentes.

Palabras clave: Sociales, Facebook, Redes Educación.

Referências

BAIRRAL, M. A. **Discurso, interação e aprendizagem matemática em ambientes virtuais a distância**. 1. ed. Rio de Janeiro: Edur, 2007.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Editora, 1994.

BOMFIM, Maurício Nunes da Costa. **Integração automática de aplicações externas em um ambiente de aprendizagem apoiado na Web 2.0**. 2009. 223f. Dissertação (Mestrado em Informática) - Instituto de Matemática, Núcleo de Computação Eletrônica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

BORBA, Marcelo de Carvalho; PENTEADO, Miriam Godoy. **Informática e Educação Matemática**. 4 ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BRITO, Lélis Maia de; GIUBERTI JÚNIOR, José Renato; GOMES, Silvane Guimarães Silva; MOTE, João Batista. Ambientes virtuais de aprendizagem como ferramentas de apoio em cursos presenciais e a distância. **Novas Tecnologias na Educação**. Vol. 11 N° 1, julho, 2013.

CANABARRO, Maria Margarete; Basso, Lourenço de Oliveira. Os Professores e as Redes Sociais: É possível utilizar o Facebook para além do “curtir”? **Novas Tecnologias na Educação**. Vol. 11 N° 1, julho, 2013.

COUTINHO, Clara; Lisbôa, Eliana. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para educação no século XXI. **Revista de Educação**, Vol. XVIII, nº 1, 2011 | 5 - 22.

DE BONA, Aline Silva; FAGUNDES, Léa da Cruz; BASSO, Marcos Vinícius de Azevedo. Facebook: um possível espaço digital de aprendizagem cooperativa da Matemática. **Renote**, Vol. 10, n. 3.2012. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/36457/23537>, visitado em 20/12/2013.

FERREIRA, Jacques de Lima; MACHADO, Mércia Freire Rocha Cordeiro; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Rede Social Facebook na Formação Continuada de Professores: uma possibilidade concreta. **Atos de Pesquisa em Educação**, Vol. 8, n. 2, p. 550-567, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GODOY, Elenilton. As representações dos internautas em relação à matemática, quando eles não gostam dela. **Zetetiké** – Cempem – FE – Unicamp – Vol. 18 n. 34 – jul/dez – 2010.

HOFFMANN, Daniela Stevanin; FAGUNDES, Léa da Cruz. Cultura Digital na Escola ou Escola na Cultura Digital? **Renote** Vol. 6 Nº 1, Julho, 2008. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/renote/article/view/14599>, visitado em 20/12/2013.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: 2001.

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. **Naturalistic inquiry**. Newbury Park: Sage, 1985.

MALTEMPI, Marcus Vinicius. Educação matemática e tecnologias digitais: reflexões sobre prática e formação docente. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**. Vol. 10, n. 1 (2008).

MÜLBERT, Ana Luisa; Girondi, Ariane; Pereira, Alice Cybis; Nakayama, Marina. A interação em ambientes virtuais de aprendizagem: motivações e interesses dos alunos. **Renote** Vol. 9, n. 1 (2011). Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/renote/article/view/21972>>. Visitado em 12/12/2013.

PEREIRA, Daniervelin Renata; MATTE, Ana Cristina. Discursos sobre a Web 2.0 e a educação: uma análise semiótica. **Trab. linguist. apl.** [online]. 2010, Vol.49, n.1, pp. 293-304. ISSN 0103-1813.

SARAIVA, L. M.; PERNIGOTTI, J.; BARCIA, R. M.; LAPOLLI, E. M. Tensões que afetam os espaços de educação a distância. In: **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, Vol.11, n.3, p. 483-491, set/dez. 2006. <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a03.pdf>.

SOARES, Elenice; GIROTTO, Willian Mella; Carneiro; Mára Lúcia Fernandes. A constituição de sujeitos em redes de conversações. **Novas Tecnologias na Educação**. Vol. 7, Nº 3, dezembro, 2009.

VANINI, Lucas; Rosa, Mauricio Rosa, Justo, Jutta Cornelia Reuwsaat, Pazuch, Vinícius - Cyberformação de Professores de Matemática: olhares para a dimensão tecnológica. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, Vol. 15, n. 1, 2013.

Artigo recebido e avaliado em setembro de 2014.

Agradecemos a Adriana Santos, Rosemeire Amaral, Márcio D'Esquivel, Ana Karine, integrantes do GEEM, Grupo de Pesquisa em Educação Matemática da UESB, pelas sugestões no desenvolvimento da pesquisa, bem como correções nas versões do texto.